

Sumário

Apresentação – *Valéria Amorim Arantes* 9

PARTE I – Educação de surdos 15

Regina Maria de Souza

Núria Silvestre

Línguas e sujeitos de fronteira: um pouco mais, e ainda, sobre a educação de surdos – *Regina Maria de Souza*

Sobre o contexto de produção do presente capítulo 17

Alguns modos de compreender a linguagem e sua relação com o sujeito 20

Eu não falo português, meu português é ruim.

Nasci na fronteira, em Rivera. O sujeito e sua língua 25

Surdos e ouvintes: fronteiras porosas e deslocáveis de vizinhança 32

Sujeito, linguagem, cultura e ensino 40

Referências bibliográficas 46

Educação e aquisição da linguagem oral por parte de alunos

surdos – *Núria Silvestre*

Introdução 49

Influência dos avanços tecnológicos e da atenção precoce na aquisição da linguagem oral 52

A redução das barreiras comunicativas das pessoas surdas e do <i>handicap</i> social	55
A ação integradora da escola inclusiva	56
Comunicação e desenvolvimento psíquico.....	59
A comunicação no meio familiar.....	61
- Processo vivencial sobre a surdez.....	63
- Estresse	63
- Estilos comunicativos	64
A comunicação nos meios escolares.....	68
- O desenvolvimento comunicativo e lingüístico	69
- A aquisição de conhecimentos.....	72
- Os processos de socialização.....	73
A construção da identidade e da auto-imagem.....	75
A aquisição da linguagem oral e escrita.....	79
Os primórdios da linguagem oral e a atenção precoce	82
- A detecção neonatal universal e o diagnóstico	82
- Os graus de surdez e o ganho auditivo	84
- As primeiras aquisições comunicativas e da linguagem oral da criança surda e a atenção precoce	87
A aquisição da linguagem oral.....	90
- As tipologias do discurso oral	91
- O uso generalizado da linguagem oral	92
A língua escrita	93
- A interiorização do sistema fonológico.....	94
- Compreensão e produção dos diferentes discursos escritos.....	94
- A legendagem e a eliminação das barreiras comunicativas	95

Considerações finais.....	96
Referências bibliográficas.....	99
Parte II – Pontuando e contrapondo	105
<i>Regina Maria de Souza</i>	
<i>Núria Silvestre</i>	
Referências bibliográficas.....	156
Parte III – Entre pontos e contrapontos	159
<i>Regina Maria de Souza</i>	
<i>Núria Silvestre</i>	
<i>Valéria Amorim Arantes</i>	
Referências bibliográficas.....	206

Apresentação

Valéria Amorim Arantes★

Em 22 de dezembro de 2005, o atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, decretou a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, nos níveis médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos

★ É docente da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e coordenadora do Ciclo Básico da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

sistemas de ensino dos estados, do Distrito Federal e dos municípios (Decreto nº 5.626).

Tal decreto, por si só, solicita-nos profundas reflexões sobre conceitos que permeiam o ato educativo e as práticas escolares para surdos. Antes, porém, faz-se necessário adentrar uma discussão que, longe de estar superada, parece promover, cada vez mais, polêmicas e divergências no campo da educação de surdos: a polarização e/ou tensão entre o domínio da língua oral e da língua de sinais.

Afinal, seria o referido decreto uma conquista dos movimentos sociais com vistas à verdadeira inclusão ou um instrumento que nos conduziria à segregação dos surdos? Alguns prevêem que, ao propiciar aos surdos uma educação que admite efetivamente a língua de sinais, tal decreto significa um avanço na busca de uma escola e de uma sociedade que reconheçam seus direitos e suas identidades. Outros, no entanto, o diagnosticam como um retrocesso na construção de um projeto inclusivo para a sociedade brasileira.

E no que tange ao ensino bilíngüe? Que condições seriam propícias para a aquisição equilibrada da língua oral e da língua de sinais? Seria conveniente a aquisição de uma delas antes da outra? Qualquer grau de surdez permitiria a aquisição da linguagem oral? Podem, a escola e a família, impor ao surdo uma dessas linguagens? Nesse debate, não podem faltar elementos esclarecedores sobre aquelas novas tecnologias que, de alguma maneira, parecem viabilizar e/ou facilitar o acesso do surdo à linguagem oral e escrita. Refiro-me, por exemplo, ao implante coclear.

É nesse contexto que foi concebida a presente obra, *Educação de surdos*, a quarta da coleção *Pontos e contrapontos*, que contou com a participação das autoras Regina de Souza, professora e

diretora associada da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, e Núria Silvestre, catedrática da Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha). Trata-se, pois, de um debate sobre as importantes e polêmicas questões que perpassam a educação de surdos.

A estrutura do livro segue a proposta de diálogo da coleção, que é composta de três diferentes etapas. Na primeira, Parte I, cada uma das autoras discorre livremente sobre a temática em questão. Dos caminhos trilhados por elas na construção desses textos, saltam aos olhos os pontos divergentes que abrangem suas idéias.

Tomando como ponto de partida as diferentes formas de se compreender a linguagem no campo da psicologia, Regina de Souza inicia seu texto revisitando autores como Skinner, Vigotski, Piaget e Chomsky. Com base em um diálogo estabelecido entre ela e a vendedora de uma loja da cidade de Montevidéu, traz uma idéia central: *conhecer uma língua não é o mesmo que saber estar nela*. Na seqüência, tece algumas considerações sobre o Decreto nº 5.626 e envereda pelo campo da psicanálise. Daí a discussão apresentada sobre a relação sujeito–identidade–língua–cultura–ensino, que o(a) leitor(a) encontrará nas páginas iniciais.

No caso de Núria Silvestre, o próprio título atribuído a suas reflexões iniciais – *Educação e aquisição da linguagem oral por parte de alunos surdos* – parece sinalizar o caminho por ela trilhado. Em seu texto, abrange diferentes aspectos que envolvem a aquisição da linguagem oral pelos surdos, discorrendo desde seu desenvolvimento psíquico até a aquisição da escrita, passando, também, pelos diversos aspectos presentes no processo de socialização da pessoa surda.

Na Parte II do livro – Pontuando e contrapondo –, coube a cada uma das autoras formular quatro perguntas sobre o texto de sua parceira de diálogo. Nesse contexto, as questões apresentadas por Núria demarcam suas discordâncias com algumas idéias de Regina e trazem novos e instigantes elementos para o diálogo. Ela sugere que Regina discorra sobre o desenvolvimento da identidade e da auto-estima das pessoas surdas, considerando a diversidade do coletivo de surdos e as diferenças nas demandas dos pais e dos surdos. Remetendo-se ao Decreto nº 5.626, pergunta-lhe, ainda, quem e como deve tomar a decisão de que linguagem deve ser proporcionada à criança surda – oral, de sinais ou ambas – sobre as bases psicolinguísticas para a aquisição da língua escrita, para a implantação da prótese auditiva, para o acompanhamento à família e à pessoa surda etc.

As questões apresentadas por Regina de Souza à sua interlocutora partem de uma crítica cuja essência adverte-nos dos riscos que uma determinada concepção sobre a surdez apresentada pelos ouvintes pode trazer aos surdos. Segundo ela, “podem lhe imprimir marcas irreparáveis na constituição de si como sujeito”. É nessa perspectiva que ela retoma a discussão sobre a relação do sujeito com a língua, focando-a nos problemas afetivos, sociais e escolares que, para ela, não foram superados pela oralização. Além disso, solicita alguns esclarecimentos sobre a “teoria da mente” (referência importante para as idéias de Núria), bem como coloca em causa o pressuposto, defendido por Núria, de que o bilingüismo pode representar um atraso ou, ainda, colocar em risco a aquisição da língua oral.

Na terceira parte do livro – Entre pontos e contrapontos –, na qualidade de coordenadora da obra e mediadora do diálogo, apresento quatro questões comuns para as duas autoras. Tais ques-

tões, e suas respectivas respostas, compõem a Parte III, que finaliza a obra. Circunscritas ao campo da educação, todas essas questões buscam, de um modo ou de outro, trazer para o universo educacional divergências e convergências que aparecem no diálogo até então estabelecido e incorporar novos elementos, ressignificar algumas idéias e ampliar a discussão sobre a educação de surdos. Para tanto, foram objetos de reflexão: o movimento inclusivo, os prós e os contras do bilingüismo para as pessoas surdas, a formação de professores com vistas à educação de surdos e à inclusão escolar, o trabalho com os pais e com as famílias dos surdos etc. Minha intenção foi, ao mesmo tempo, retomar alguns pontos nevrálgicos da discussão e adentrar os terrenos movediços das práticas educativas que envolvem a surdez.

A apresentação de uma obra desse teor, que contempla tanta controvérsia, não poderia ser finalizada sem um agradecimento especial às colegas Núria Silvestre e Regina de Souza. Para além do compromisso com uma educação que efetivamente atenda às necessidades do(a) aluno(a) surdo(a), Núria e Regina demonstraram, durante todo o processo de construção deste livro, coragem, polidez, humildade, prudência, tolerância e, acima de tudo, muito humor. Ora, não é sempre que encontramos todas essas virtudes em duas grandes pesquisadoras e educadoras. Pois, nesse caso, pode-se dizer que tais virtudes vieram acompanhadas de grande disponibilidade para um diálogo aberto e respeitoso, o que enriqueceu sobremaneira as reflexões aqui contidas.

Com este livro, esperamos contribuir para o debate e para a construção de novas práticas que, de alguma maneira, o momento atual e o compromisso com a educação inclusiva nos impõem.